

ANO NOVO, escola diferente. É o que milhares de alunos encontrarão ao retornar às aulas da rede pública de ensino do Distrito Federal, no próximo ano letivo. É a Escola Candanga, que começa ser implantada em aproximadamente 120 escolas.

A interdisciplinaridade é uma das mais fortes características dessa escola, que trabalhará todos os conteúdos de forma integrada e introduz os chamados temas transversais: sexualidade, drogas, racismo, ecologia e outros assuntos contemporâneos para serem tratados em sala de aula. A permanência dos estudantes na escola é ampliada de quatro para cinco horas diárias, completando-se com uma jornada anual de 200 dias letivos.

Na Escola Candanga, as crianças serão agrupadas por idade, nas chamadas fases do aprendizado. Em cada fase haverá crianças na mesma etapa de desenvolvimento físico e cognitivo. Desse modo, crianças de 6, 7 e 8 anos formarão uma mesma fase e, assim, sucessivamente. Acaba-se desse modo o sistema seriado, ou seja, o agrupamento dos estudantes por série de ensino.

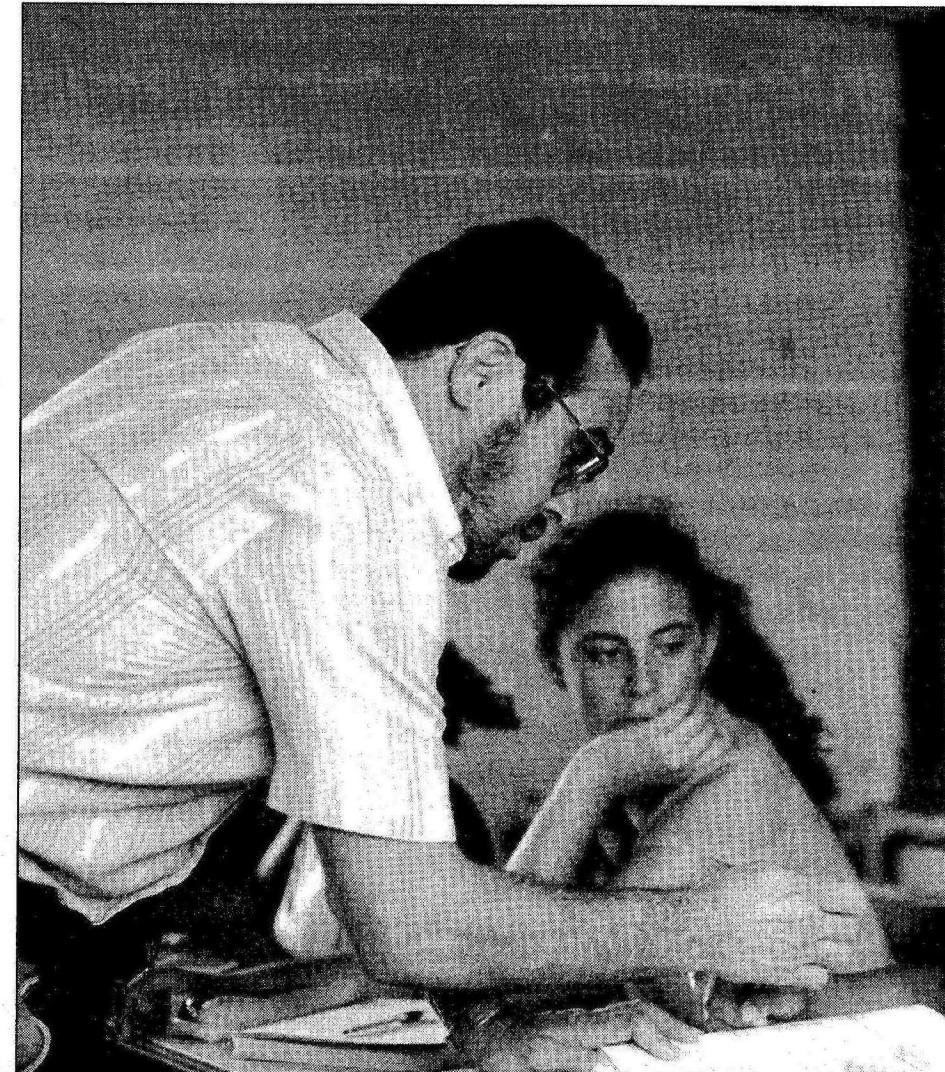
A criança vai aprender em sala de aula, onde os trabalhos serão coletivos. Se não estiver acompanhando, freqüentará um laboratório de aprendizado, onde serão verificados os obstáculos e apresentadas ao aluno outras maneiras de aprender. Se, mesmo assim, o aluno não apresentar um bom desempenho, participará das turmas de reintegração, quando mais uma vez os conteúdos serão revistos. Nesta escola, o valor principal está em ensinar a criança aprender. As diferenças de cada aluno são respeitadas e consideradas pelo professor, na hora de ensinar.

É uma escola baseada no princípio do desenvolvimento humano pleno, com mente e corpo em sintonia: o cognitivo, o social e o cultural harmonizados no processo de aquisição de conhecimentos, transmitidos de forma integrada à realidade regional dos estudantes e à realidade sócio-econômica do País.

POR QUE MUDAR?

Atualmente, de cada mil alunos brasileiros que ingressam no Ensino Fundamental apenas 450 chegam a completar a 8ª série. Cinco anos é a

O FUTUR



A avaliação tem como objetivo conhecer o aluno profundamente e não apenas medir seu desempenho em testes e tarefas. Seu objeto é o processo de aprendizagem de cada criança e seu objetivo o replanejamento constante do ensino, por parte de cada professor. É uma avaliação formativa e contínua, um relato do desenvolvimento de cada estudante.

As mudanças para próximo o ano atingem somente crianças em idade de 6, 7 e 8 anos, que irão formar a 1ª fase. As etapas posteriores serão criadas à medida que esses primeiros alunos cheguem à segunda fase. Esta nova escola não é uma fórmula educacional, mas resultado do debate e de experiências educativas que vêm acontecendo em várias capitais – Belo Horizonte e Porto Alegre, etc. –, e dentro da própria rede ensino. Para a implantação desse modelo era imprescindível que se tivesse uma rede de ensino com poder descentralizado. Por isso, foi fundamental a realização de eleições diretas para Diretores, Vice-Diretores e Conselhos Escolares, como também é consenso entre os educadores que para o projeto dar certo a escola precisa ganhar maior autonomia financeira.

O I Congresso de Educação do DF, finalizado em novembro último, com a participação de 2.500 delegados representando pais, alunos, professores e servidores de educação, discutiu e aprovou os pressupostos básicos da proposta que pode sofrer adaptações, pois é fruto de um processo contínuo e coletivo de experiências.

POR QUE MUDAR?

Atualmente, de cada mil alunos brasileiros que ingressam no Ensino Fundamental apenas 450 chegam a completar a 8ª série. Cinco anos é a

média de escolaridade dos brasileiros. Os índices de repetência na 1ª série chegam a 44%, segundo pesquisa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

O Ensino do DF foi considerado pela mesma pesquisa como o de melhor qualidade do País, com os menores índices de reprovação e evasão (22% e 6%, respectivamente). Mesmo assim, a situação não é confortante e merece ser revertida. Esta é a razão pela qual várias ações foram desencadeadas nos dois últimos anos: construção de 534 salas de aulas, ampliando-se a rede física; *Projeto Repetência Vamos riscá-la de Nossas Escolas*, responsável pela alfabetização de 12 mil crianças retidas nas primeiras séries, através da criação de 439 turmas de reintegração; e o *Projeto Bolsa Escola*, que assegura mensalmente um salário mínimo a cada família carente que mantiver na escola e com assiduidade todos os filhos com idade entre 7 e 14 anos.

A *Bolsa Escola* reduziu para 0,2% a evasão nas unidades de ensino assistidas pelo programa, beneficiando 20.615 famílias e 39 mil alunos. São resultados que têm obtido reconhecimento no país e no exterior. Entretanto, somente por intermédio de uma nova organização escolar e curricular do sistema de ensino é que se conseguirá repensar o papel da escola e modificar os mecanismos seletivos e excluidentes presentes no modelo atual.

A Escola não pode ser apenas um espaço de instrução para os que melhor se adaptam às suas características e exigências. Tem que ser encarada como uma instituição vocacionada para tirar proveito das competências que são inerentes ao próprio ser humano e que ele é capaz de desenvolver, se houver condições pe-

dagógicas e motivações.

A maioria das escolas do Distrito Federal, ainda possui uma prática pedagógica baseada na concepção tradicional de ensino, ignorando as diferenças e as potencialidades de cada criança e comportando-se como centros de premiação dos que melhor respondem às suas cobranças e de punição dos que não reagem conforme as expectativas. A formação é reduzida à preparação intelectual do homem para a vida adulta, compreendida somente em termos de possibilidade futura. Um futuro sempre distante, enfim, uma formação voltada exclusivamente para o vir-a-ser da pessoa.

O pressuposto da concepção antiga é que a educação consiste no domínio de conhecimentos que podem ser utilizados no futuro, interessando neste modelo a capacidade de memorização de conteúdos e não o desenvolvimento humano completo. É chamada escola conteudista, pois os conhecimentos são todos transmitidos de forma fragmentada. Um tema que poderia ter diferentes abordagens num mesmo momento de aprendizagem é tratado em disciplinas separadas e em momentos diferenciados do aprendizado do aluno. A abordagem dos conteúdos é descontextualizada da realidade social da inserida.

No velho modelo, os trabalhos são todos individualizados e a criança é avaliada pelo número de resposta que consegue acertar nas provas e não pela qualidade do seu aprendizado. Se uma criança não consegue a aprovação, em seguida ganha o estigma de repetente e, num segundo momento, os rótulos de burra e fracassada. À criança é que é atribuído o fracasso e não à escola, aos professores e ao sistema educacional.

A própria experiência dos educadores tem demonstrado que repetên-

cia não significa necessariamente que no ano seguinte a criança vá incorporar o conhecimento não assimilado. Se a capacidade de aprender não for explorada, pouco sentido tem a repetência.

Atualmente, a relação mais profunda entre o conhecimento e o aluno não ocorre ou fica a desejar. O princípio de trabalhar o saber passa a ser desprezado em benefício da forma mecânica de aprendizagem e pelo uso descartável do conhecimento. É como se o compromisso por parte do aluno terminasse após o encerramento da prova.

A Escola Candanga deseja resgatar o prazer que a criança tem de aprender, prazer este que é muito evidente nas primeiras séries, mas que se torna um martírio com o passar do tempo.

COMO SERÁ?

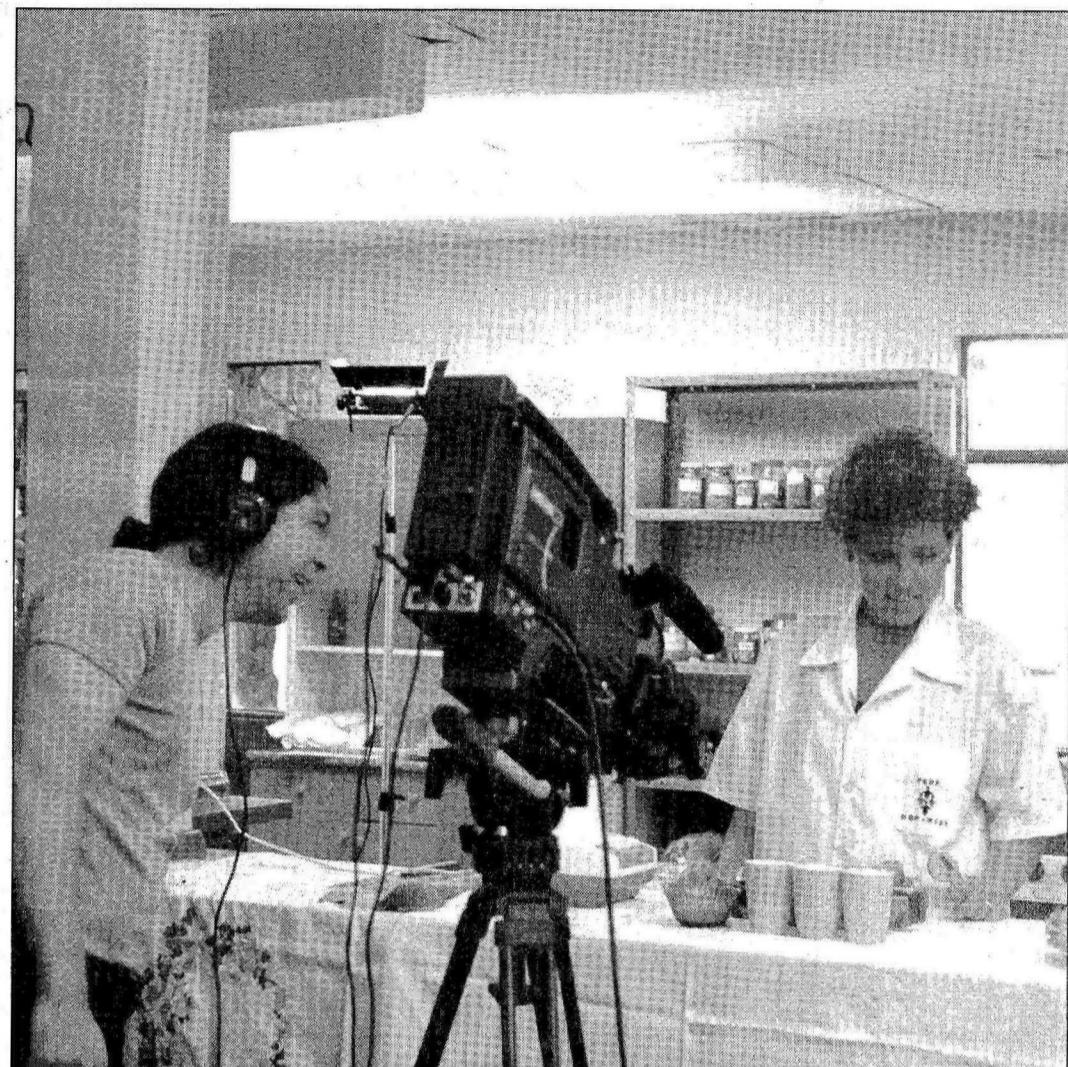
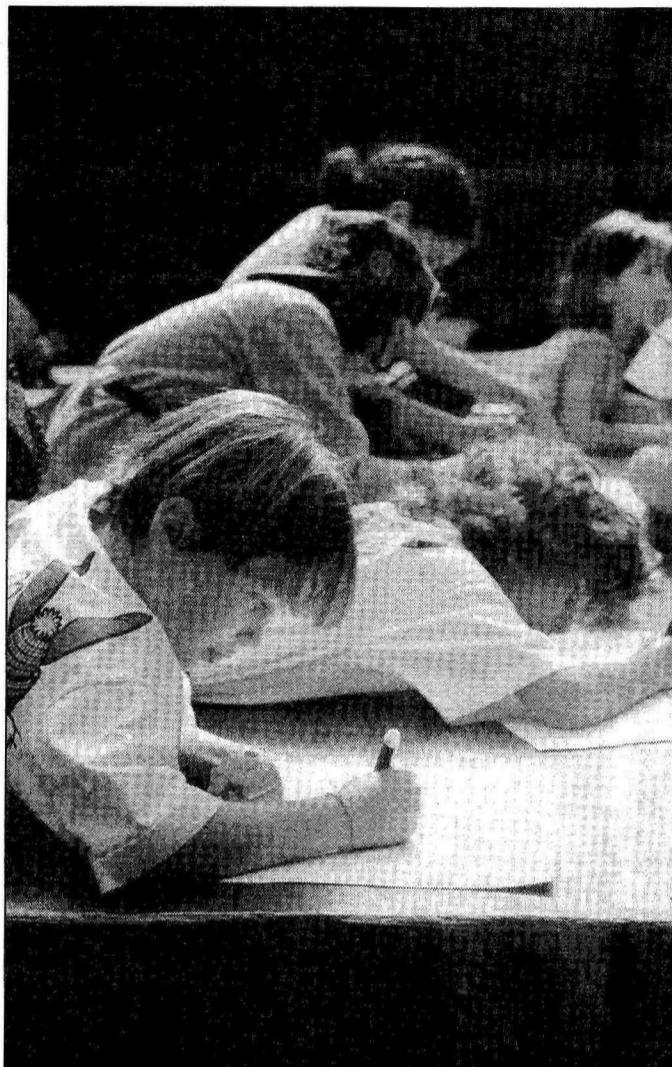
A aula:

A informação terá o papel de ferramenta, de instrumento cultural que possibilitará o avanço do aluno na compreensão e atuação na realidade, favorecendo a construção do conhecimento e não somente sua aquisição ou a sua substituição. A sala de aula será um local de troca de significados, por intermédio do pensamento e da ação.

O PROFESSOR

Os professores são pessoas chaves que articulam e coordenam o processo de construção coletiva do conhecimento, dos valores e atitudes. Da mesma forma que o aluno, o professor também é visto como sujeito da aprendizagem, um ser humanizado que traz saberes, memórias, vivências, emoções de adulto e de profissional que objetiva viabilizar a criação de um contexto cultural de formação.

O E AGORA



O CURRÍCULO

O currículo dará atenção às fases de desenvolvimento da criança. O modelo procura agrupar de forma sistêmica e contínua os seus componentes: os conteúdos básicos acumulados e sistematizados, os temas transversais. O que se modifica, fundamentalmente, é a relação que se estabelece com o conhecimento e o caráter interdisciplinar e multidisciplinar que se institui com o conhecimento e se materializa no meio educacional. O saber científico nesse modelo adquire uma nova função: deixa de ter um fim em si mesmo enquanto memorização de dados e passa a ser informativo, instrumento desenvolvedor do conhecimento, cuja utilização modifica o pensamento e a atitude.

FASES, SIM; SÉRIES, NÃO

A *primeira fase de educação* (6, 7, 8 anos) corresponde à entrada da criança no processo de socialização. É a fase em que já é possível a aprendizagem por meio de símbolos, especialmente os da palavra. A inteligência é concreta, isto é, baseada na apreensão da realidade imediata vivenciada pelo aluno. A descoberta e o desenvolvimento da linguagem simbólica, fazem com que a criança penetre no mundo da cultura. Torna-se possível, então a heteronomia, isto é, a aceitação de normas externas por meio da projeção dos valores herdados historicamente e socialmente, transmitidos pela família e pela escola.

Na *segunda fase de educação* (9, 10, 11 anos) continua o processo de socialização e intensifica-se a projeção das normas e convenções sociais. O desenvolvimento biológico, concomitante com o cognitivo, torna possível a elaboração de um pensamento lógico (ainda que fundado na experiência concreta) melhor elaboro-

rado. As idéias já possuem começo, meio e fim. As frases, outrora telegráficas, convertem-se em orações mais complexas, que esboçam lentamente a passagem de vivências concreta imediatamente ao pensamento abstrato.

Na *terceira fase de educação* (12, 13, 14 anos) já fica evidente a capacidade de dialogar, pois o aluno já consegue descentralizar-se – colocar-se no lugar do outro –, respeitando o ponto de vista do semelhante, o que denota, por sua vez, a presença da solidariedade e da cooperação em oposição ao egocentrismo infantil. Tem início nesta fase a busca e a construção da identidade pessoal, começando a passagem da heteronomia para a autonomia.

PROJETOS COMPLEMENTARES

Para que a Escola Candanga obtenha o sucesso pretendido, todo um conjunto de ações está sendo articulado, já que o êxito de um processo educacional não depende apenas do que se passa em sala de aula, daí, a contribuição de uma série de projetos complementares.

EDUCAÇÃO TAMANHO FAMÍLIA

Projeto que abre as escolas da rede pública de ensino um sábado por mês para que pais, alunos e educadores possam se confraternizar e discutir problemas contemporâneos. Conta como apoio de recursos audiovisuais, um vídeo preparado especialmente para cada debate.

Em seu primeiro semestre de atividades, realizou quatro encontros em 23 escolas do DF. Foram discutidos variados temas, tais como: o *Successo Escolar, Sexualidade na adolescência e Viver melhor sem drogas e sem álcool*. Em dezembro, a comunidade escolar reuniu-se em busca de caminhos para uma *alimentação sa-*

dia. O programa foi muito bem aceito pela comunidade escolar, tanto que o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) estuda como adotá-lo.

CANAL EDUCATIVO - CANAL E

O Canal E foi inaugurado em agosto de 1996 e sua finalidade básica é o aperfeiçoamento de professores. Exclusivamente voltado para a educação, a iniciativa vem funcionando em caráter experimental no Centro de Recursos Tecnológicos (CRT), da Fundação Educacional. Lá, dois programas são produzidos: o "Canal E Notícia", que faz a cobertura dos acontecimentos na área de Educação, e o "Canal E Debate", que toda semana discute um tema do interesse dos professores.

A programação já chega a 103 escolas, através do canal 31 da TVA, das 9h30 às 10h30, e à tarde, das 15h às 16h. Em breve, todas as 548 estabelecimentos da rede pública de ensino estarão em sintonia com o primeiro canal educativo público do Distrito Federal. O Canal E foi planejado para tornar-se, em pouco tempo, um veículo de comunicação plenamente interativo, abrangendo toda comunidade escolar.

JORNAL NA ESCOLA

O programa Jornal na Escola, uma parceria das Secretarias de Comunicação e Educação, garante uma assinatura de jornal para cada escola da rede pública de ensino. É dessa forma que os dois maiores jornais do Distrito Federal – Correio Brasiliense e Jornal de Brasília – chegam a cada uma das 548 escolas da rede pública. Os professores passaram, assim, a ter acesso às informações do dia, para repassá-las e discuti-las com seus alunos. O projeto também procura despertar nas crianças o gosto pela leitura.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

Foi reaberta a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), que havia sido fechada pelo governo anterior. Depois disso, já reciclagem 1.800 docentes, apenas no curso Reconstruindo o Aperfeiçoamento. A capacitação de professores para o combate à repetência formou outros 300. Com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), serão realizados 138 cursos de capacitação – totalizando 8.010 vagas até fevereiro de 1997. Além de cooperar com o programa Paz na Escola (combate à violência), a EAPE ficou responsável também pela formação de 200 servidores e agentes não-governamentais que trabalham na prevenção e atendimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso, exploração e maus tratos.

CONTATOS DE PRIMEIRO GRAU

Um jornal de ciências e cidadania para alunos de primeiro grau das escolas públicas. São 20 mil exemplares distribuídos gratuitamente em 548 estabelecimentos de ensino. O jornal tem oito páginas, é colorido, com visual atraente e periodicidade mensal. Em 70 escolas, o Contatos é entregue, em mãos, a todos os alunos de quinta série. Nas demais escolas, a publicação pode ser encontrada nas bibliotecas e salas de leitura.

Produzido em parceria com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e com o apoio cultural da Companhia Energética de Brasília (CEB), o Contatos de Primeiro Grau mescla assuntos científicos, de interesse social, histórico e cultural.

Há sempre uma matéria principal, de interesse científico e ou social, como Aproveitamento do Lixo, História das Letras, O Futuro do Sol, etc. Uma página intitulada Arquivo Público traz sempre reportagens sobre

a história de Brasília. A seção Palavra-Chave apresenta conceitos novos para as crianças, como o que é ética, justiça, ecologia ou paz.

A página Ciência no Dia-a-Dia apresenta, a cada número, uma experiência nova a ser desenvolvida pelos estudantes. Na coluna Por Quê? os alunos enviam perguntas sobre curiosidades, tais como "Por que o céu é azul?" ou "Por que o morcego não suporta a luz do dia?". As perguntas são respondidas por especialistas da Universidade de Brasília ou da Fundação Educacional.

O Zoológico de Brasília é colaborador habitual do jornalzinho, alimentando a coluna Seu Animal! que a cada mês aborda um espécime da fauna brasileira. Finalmente, a CEB mantém uma coluna educativa, conscientizando as crianças sobre o uso correto da energia.

TURISTA APRENDIZ

Destinado a alunos da primeira à terceira séries do Primeiro Grau, o projeto Turista Aprendiz promove o intercâmbio entre crianças de diferentes escolas da rede pública de ensino. Além de incentivar a troca de experiência entre estudantes e professores, é uma oportunidade importante para que os alunos carentes conheçam melhor o Distrito Federal.

Os professores envolvidos no projeto foram treinados especialmente para trabalhar no Turista Aprendiz. Depois de se corresponderem por quinze dias, um grupo de alunos visita seus colegas de outra cidade-satélite. Entre outubro e dezembro, centenas de alunos de mais de 20 escolas de Brazlândia, Candangolândia e Núcleo Bandeirante realizaram-se em visitas.

ARIANE ABRUNHOSA

Educadora e jornalista integra a equipe de comunicação social da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação do DF.